



Museu Nacional, Universidade
Federal do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, Brasil.

THIAGO DA COSTA OLIVEIRA

UMA FESTA NOS SUBÚRBIOS CARIOCAS: PESSOAS E COISAS EM TORNO DE COSME E DAMIÃO

SOBRE DOCES E SANTOS

Desde pelo menos a primeira metade do século XX, todos os anos, no dia 27 de setembro, uma agitada festa religiosa toma as ruas do Rio de Janeiro. Crianças em grupos circulam pela cidade em busca de saquinhos de Cosme e Damião, em deslocamentos que, hoje, se concentram sobretudo nos subúrbios da cidade – o espaço privilegiado por este ensaio fotoetnográfico. Encontram, em seus caminhos, doadores de doces em portas de casas, prédios, garagens e vilas. Os descobrem circulando também em carros particulares, oferecendo saquinhos pelas janelas dos automóveis. Por vezes se deparam com mesas de aniversário, acompanhadas de uma decoração infantil que remete a personagens conhecidos por meio programas televisivos.

Para além da festa nas ruas, igrejas católicas e centros de umbanda e candomblé são igualmente locais de distribuição de saquinhos de doces e brinquedos, além da realização de ritos especiais. Recentemente, mesmo templos evangélicos distribuem doces – às vezes em defasagem temporal com o exato dia da festa tradicional, mas em uma data próxima –, numa clara tentativa de contrapor-se às formas de devoções católicas e afro-brasileiras, sem deixar de contemplar a oferta de doces ao grupo privilegiado nessa data: as crianças.

As imagens que compõem este ensaio são resultado de três dias de captura de fotografias, realizadas em setembro de 2015, que fizeram parte do projeto de pesquisa *Doces Santos: reciprocidade, relações inter-religiosas e fluxos urbanos em torno à devoção a Cosme e Damião no Rio de Janeiro*. O projeto *Doces Santos* reúne o “trabalho coletivo, intergeracional e multissituado” (Menezes 2016) de diversos pesquisadores. Fiz parte da equipe do projeto em duas ocasiões: a primeira em setembro de 2015, registrando a festa e os afazeres em torno do dia de Cosme e Damião, objetos deste ensaio; e a segunda em fevereiro de 2016, quando pude registrar a adaptação do tema de Cosme e Damião e dos Ibeji (divindade da tradição iorubá, associada aos santos católicos) no enredo do desfile da Escola de Samba Renascer de Jacarepaguá, um tema que será desenvolvido em outro momento. O material aqui apresentado beneficiou-se, portanto, do conhecimento acumulado pela equipe do projeto nos anos anteriores de seu desenvolvimento, e não poderia ter sido elaborado etnograficamente senão no contexto laboratorial e coletivo desta pesquisa¹.

figura 1



1. As pesquisas do projeto *Doces Santos* iniciaram-se em 2013 e foram financiadas pelo Programa Jovem Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa no Rio de Janeiro (Faperj). O projeto é coordenado por Renata Menezes, professora associada do PPGAS-MN-UFRJ em parceria com dois de seus orientandos, Morena Freitas e Lucas Bártolo, respectivamente estudantes de Doutorado e de Mestrado desse mesmo programa. Conta, ainda, com outros pesquisadores em diversos graus de formação. Agradeço a Luís, Taís, Deise, Tatiane, Ana Lúcia, Luciana e às demais pessoas que gentilmente colaboraram para a realização desta pesquisa.

OS ANTECEDENTES DA FESTA

Para a realização dos registros da festa de Cosme e Damião de setembro de 2015, me reuni com a coordenação do projeto em duas ocasiões. A proposta que me foi apresentada pela equipe nesses encontros consistia em documentar dois momentos relacionados à efeméride: os bastidores da festa nos subúrbios do Rio de Janeiro e os eventos que ocorreriam no dia 27 de setembro, nos bairros de Olaria, Penha e nas suas imediações.

Começamos no dia 24 de setembro, em Madureira, acompanhando as compras de doces no seu famoso Mercadão. Importante entreposto comercial da zona norte do Rio de Janeiro, o Mercadão de Madureira reúne dezenas de lojas de artigos diversos – de presentes a doces, passando por uniformes e artigos religiosos. O afluxo de mercadorias oferecidas pelas lojas adapta-se à sazonalidade das principais datas comemorativas do calendário religioso e laico brasileiro: Dia das Mães, das Crianças, Natal, São Jorge, Iemanjá – para citar apenas alguns dos mais importantes.

figura 2



Em torno do Dia de Cosme e Damião, as lojas de artigos religiosos oferecem imagens tridimensionais e efígies impressas em papel, nas quais encontramos os santos e outras entidades relacionadas a estes, que são vendidas para católicos, umbandistas e adeptos do candomblé. Cosme e Damião são associados nessas tradições aos Ibeji, um orixá gêmeo, e muitas das imagens desses santos católicos contam com uma terceira entidade representada, Doum, numa clara associação com o Idowu iorubá² (Figura 1).

2. Idowu, na tradição iorubá, seria o filho nascido após o parto de gêmeos para que a mãe não enlouqueça (Freitas 2015, 29). Ele é o terceiro, que viria desestabilizar a estranha gemelaridade, reestabelecendo o equilíbrio da mãe.

Vende-se ainda, no Mercado, roupas e adereços para os Erês – entidades infantis de médiuns de religiões afro-brasileiras – que serão usadas nas festas em que eles são convidados a se manifestar nos terreiros, dançar e oferecer consultas aos visitantes dos centros.

figura 3



Nas vitrines das lojas de artigos de festa, encontram-se saquinhos e aparatos de mesas e paredes que remetem aos santos. Famílias geralmente vão fazer a compra levando os filhos, netos e sobrinhos (Figura 2). Esse é um modo de repassar a tradição da devoção adiante, como afirmam alguns dos interlocutores da pesquisa. A venda de doces para montar os tradicionais saquinhos de Cosme e Damião leva a uma intensa movimentação no Mercado de Madureira na semana anterior ao dia 27 de setembro³. Ao focarmos nos doces e imagens, notamos que se inicia, nessas lojas, uma longa trajetória de “coisas”, uma biografia cultural (Kopytoff 1986) que terá como ponto culminante a entrega dos saquinhos às crianças no portão das casas, ou de dentro de carros, passando antes pelo processo de deslocamento, embalagem e acondicionamento dos doces (Menezes 2016), bem como na exibição das imagens.

3. As principais lojas de doces da região encontram-se na parte externa do Mercado, no nível da rua. O Mercado é parte de uma geografia mais ampla de lojas de doces de referência para os devotos de Cosme e Damião nessa data. Ao lado do principal entreposto de Madureira, temos as lojas da rede UFA Doces, com pontos de venda de atacado nas zonas norte e oeste do Rio, e as lojas da rede Casas do Biscoito, cujos preços são mais altos do que os praticados pelas precedentes, mas que, por encontrarem-se espalhadas por toda a cidade, e tornam-se, por isso, mais convenientes para alguns dos compradores. Finalmente, há ainda algumas lojas importantes deste circuito em Bonsucesso, também no subúrbio da zona norte.

Do Mercado seguimos, no dia seguinte, para acompanhar a montagem dos tradicionais saquinhos e a elaboração de outros alimentos relacionados à devoção aos santos na casa de alguns interlocutores selecionados. Nesses contextos, assiste-se a uma ritualística complexa. As ofertas mais comuns são os famosos saquinhos de Cosme e Damião. Para elaborá-los é preciso ensacar sistematicamente os doces – e a distribuição igualitária entre os saquinhos é, aqui, algo perseguido pelos devotos – retirando-os de suas embalagens originais e colocando-os nas embalagens impressas com as imagens dos santos.

A preparação dos saquinhos é uma tarefa feita, assim como a compra de doces, em família. E cada família tem sua própria forma de pensar, preparar e conservar as ofertas antes da sua distribuição. No Estácio acompanhamos uma família formada por pai, mãe e um filho de 2 anos, preparando suas ofertas. Os saquinhos continham somente doces considerados “tradicionais” (Figura 3). Há, entre os devotos, duas definições para estes doces, definições estas que entrelaçam o culto e a tradição familiar (Duarte 2006; Menezes 2016). De um lado, interlocutores referem-se a determinados doces como “tradicionais para a data e/ou para um grande número de fiéis”. São estes a maria-mole, o doce de abóbora, o suspiro e o pé-de-moleque, por exemplo. De outro lado, há doces “tradicionais para uma família específica”, ou seja, tradicionais na memória e nas práticas de uma determinada família. São doces “que não podem faltar” porque referem-se às relações intergeracionais descritas por meio de elocuições do tipo: “meu avô/minha avó sempre davam tal bala/ chocolate, além dos doces tradicionais, por isso eu sigo doando estes doces...”.

Além da preparação dos saquinhos, devotos do candomblé – e por vezes da umbanda – preparam “comidas de santo”, feitas com ingredientes específicos para a data, como o caruru. Às vésperas do dia 27, acompanhamos uma das filhas de uma falecida mãe de santo, preparando as ofertas para uma grande mesa a ser colocada na porta de sua casa, na qual as crianças encontrarão saquinhos de doce, bolos, refrigerantes e mesmo comidas salgadas. Em sua casa, situada em Vaz Lobo, ela intercalava a produção de doces à elaboração do *omolokun* de Oxum (Figura 4), prato associado à fertilidade – e, portanto, às mulheres grávidas, como a sua filha se encontrava naquele momento⁴.

4. Por meio da noção de fertilidade, o *omolokun* associa-se também a Cosme e Damião, uma vez que os santos estão intimamente relacionados às crianças, sendo os receptores de muitas promessas ligadas ao desejo de um filho/neto, ou a sua saúde (Morena Freitas, comunicação pessoal).

figura 4



O DIA DE COSME E DAMIÃO

No esperado dia 27 de setembro, cobrimos, além da oferta de saquinhos em torno de uma praça-altar devotada aos santos na Penha – Praça de Cosme e Damião –, a circulação de pessoas e a distribuição de doces e brinquedos na Igreja de São Jorge e São Cosme e São Damião (no mesmo bairro), além da festa dos Erês em terreiro de umbanda, também em Olaria. Complementando essas “modalidades da devoção”, procuramos ainda registrar a entrega e o recebimento de doces em um bairro semi-fechado em Vista Alegre, o Bairrinho.

figura 5



figura 6



A praça de Cosme e Damião, no bairro da Penha, é um dos pontos de maior afluxo de pessoas para doar e receber doces do subúrbio carioca. As ofertas, nessa praça, centram-se em torno de um pequeno altar com imagens dos santos – o trio, com Doum ao centro – em torno do qual espaços administrados pela vizinhança se distribuem de forma concêntrica: no interior do plano circular vemos a área do altar e seu entorno. Delimitada por uma cerca e destinada à oferta e à retirada de doces esta área está separada da calçada de cimento que, por sua vez, se separa do gramado da praça e da própria rua. Os elementos de urbanização permitem aqui diversas formas de controle do fluxo de pessoas e coisas na pracinha, o que é realizado pelos seus “administradores” – um grupo de vizinhos que vive nas imediações do logradouro e cuida da manutenção deste espaço de modo independente do poder público.

No altar, as promessas para Cosme e Damião giram, com frequência, em torno das crianças e da saúde. As ofertas de doces feitas às imagens são acompanhadas de preces e pedidos. Nesses momentos, o devoto fica geralmente sozinho junto às imagens, mesmo que tenha vindo em família (Figura 5). Muitos desses frequentadores são conhecidos dos administradores de longa data, a oferta constituindo-se também em momento de interação de pessoas de origens distintas.

No começo da manhã, antes da chegada do público, os administradores trocam as flores do altar e renovam ofertas de doces. Em 2015, podia-se ver em frente a cada imagem do altar um carrinho em miniatura e um copinho de guaraná – “bebida característica da festa, prescrita em várias músicas que falam sobre Cosme e Damião” (Menezes 2016, 2). Esses elementos condensavam, de modo preciso, as ofertas de brinquedo e doces a serem feitas ao longo do dia (Figura 6).

De tempos em tempos, crianças – e alguns adultos – são autorizados a entrar no espaço das ofertas/dádivas para recolher doces deixados pelos devotos (Figura 7). Os administradores controlam o fluxo de pessoas – reduzindo-o a duas ou três por vez – para que este momento não seja marcado por brigas e disputas mais acirradas – o que, por vezes, chega a acontecer. Aqueles que pegam os doces disfrutam de um tempo limitado para fazê-lo, enquanto o tempo das preces e entrega de doces não é controlado. Os pares de mães com crianças de colo são uma constante durante o dia inteiro (Figura 8), assim como grupos de várias crianças liderados por adultos ou adolescentes. A presença de adultos permite notar algo característico da festa de Cosme e Damião: a ampliação da noção de infância, que passa a englobar, em determinados contextos, pessoas dos estratos mais carentes da sociedade envolvente.

figura 7



figura 8



A disputa mencionada acima é um elemento constituinte da festa. Do lado dos receptores, compete-se por receber mais e melhores saquinhos – as crianças circulam com mochilas para acumular as ofertas. Do lado dos doadores, compete-se ou compara-se os tipos e quantidade de saquinhos ofertados – ofertar “muitos saquinhos” e/ou “saquinhos bons”, com doces de boa qualidade e em grande quantidade são considerados o ideal para este grupo. Podem ocorrer, ainda, disputas entre doadores e receptores: as crianças e adultos muitas vezes “avançam” – como é comum ocorrer na oferta feita por meio de carros que circulam no entorno da praça e de outros pontos de grande afluxo de receptores –, podendo arrancar à força os saquinhos daqueles que, justamente, queriam ofertar-lhes os doces (Figura 9).

figura 9



A poucas quadras da praça de Cosme e Damião, os frequentadores de um terreiro de umbanda oferecem doces e brinquedos para as crianças e adultos que passam pelas portas do centro. Aqui, a organização do fluxo de pessoas e coisas passa não pelo urbanismo de uma praça, mas pela arquitetura da edificação residencial que abriga o terreiro. No ano de nossos registros, ao entrarem pela garagem, as crianças cumpriam um circuito específico: dirigiam-se inicialmente ao fundo do espaço, onde recebiam brinquedos e, já no caminho de volta, recebiam saquinhos de doces à esquerda e, em seguida, picolés à direita (Figura 10). Os doadores buscam sempre, como na praça Cosme e Damião, manter a ordem e o bom convívio entre as crianças. Há toda uma dimensão didática – a transmissão e o ensino de “bons costumes” – que permeia a oferta de doces e brinquedos nessa data.

figura 10



Virando à esquerda, no final da rua onde encontramos o centro de um-banda, chega-se a uma praça na qual foi edificada a Igreja Ortodoxa de São Jorge e São Cosme e Damião (Figura 11).

figura 11



A Igreja – uma construção simples cujo interior é parcialmente revestido de azulejos azuis – tem em suas paredes quadros de santos e passagens bíblicas pintados em estilo ortodoxo, acompanhada de estatuária em estilo neoclássico. Ao longo de toda a parte da manhã, o templo recebe os devotos dos santos. Estes interagem com as diversas imagens localizadas dentro da igreja – há imagens no altar lateral da entrada (à direita), no altar central e na sacristia. Os devotos se aglomeram em torno de imagens de Cosme e Damião – aqui sem Doum, em um claro distanciamento com as tradições afro-brasileiras. Alguns oferecem saquinhos de doces às imagens (Figura 12). Na parte da tarde, a Igreja Ortodoxa de São Jorge e São Cosme e Damião torna-se o destino de centenas de pessoas em busca das ofertas de brinquedos e doces feitas pelos devotos na parte da manhã. O controle do fluxo de pessoas e coisas neste caso passa pela arquitetura do templo, os receptores são organizados em filas e devem cumprir um circuito específico passando pelo corredor lateral direito externo à edificação, onde recebem os presentes e de onde saem, entrando por dentro do prédio, como se fossem convidados a ingressar no espaço da igreja mediados pela oferta dos doces e brinquedos (Figura 13).

figura 12



figura 13



Enquanto as festas se desenvolvem na praça de Cosme e Damião, no centro de umbanda e na Igreja Ortodoxa, em Vista Alegre, bairro vizinho à Penha, um logradouro originado em uma vila de trabalhadores fabris, hoje chamado “Bairrinho”, realiza a sua própria festa de Cosme e Damião. Alguns dos acontecimentos registrados no bairrinho são paradigmáticos do que ocorre na data de Cosme e Damião em todo o Rio. Em uma das garagens encontramos duas dimensões do culto aos santos. Crianças são chamadas a cantar parabéns para Cosme e Damião para, em seguida, orarem um Pai Nosso, tradicional oração cristã (Figura 14), em homenagem aos santos. Após tais atos rituais, recebem saquinhas de doces e pedaços de bolo da anfitriã.

figura 14



No final do dia, de volta ao centro de umbanda, encontraríamos ainda o último ato da “multissituada” festa de Cosme e Damião que acompanhávamos. No centro, diversos elementos entrevistados neste ensaio fotográfico – doces, brinquedos, crianças, decoração de aniversário e roupas infantis – convergiram na realização da “festa dos Erês”.

Em um terreiro transformado parcialmente em salão de aniversário infantil, a gira-festiva tem início com todos os médiuns vestidos de branco, portando colares e lenços na cabeça. Após alguns cantos, as principais entidades-guias da casa descem e preparam a vinda dos Erês. Após a primeira parte da gira, já no cair da noite, os Erês descem. A festa é antecedida de uma importante troca de roupas – que inclui desde uma mudança completa de trajes, até o simples incremento da vestimenta branca tradicional com bonés, chupetas, laços e outros adereços infantis. As roupas e adereços são, neste sentido, invólucros, camadas de materiais (Gell 1998) que ajudam os médiuns a compor suas entidades infantis. As coisas aqui – imagens, roupas e adereços – permitem, portanto, diferentes conexões com o mundo invisível: ora apontam para um par de referentes – Cosme e Damião – ora ajudam a criar as condições para que determinadas entidades se aproximem dos médiuns (Figura 15). A festa é marcada por pontos de ibejada puxados pelos ogãs e seus atabaques. Cada médium recebe a “seu Erê” ou “sua criança”. O momento é festivo, alegre e marcado por pequenas transgressões, associadas à infância, na interação entre as entidades e o público.

figura 15



NOTA FINAL

Esta produção documental teve o objetivo mais amplo de mostrar, por meio de textos e imagens, como se “faz uma festa”, e quais operações discursivas e práticas – espaciais, interativas etc. – confluem em um determinado evento religioso. A partir da seleção de imagens mostrada neste ensaio, procurei indicar como a festa de Cosme e Damião rearticula “a dinâmica [...] de uma região” (Menezes 2016, 4), bem como as categorias discursivas e performances corporais ligadas à infância (Freitas 2015), às relações de classe e à devoção. Dessas interações, destaquei o controle espacial e a administração do fluxo de pessoas e coisas. Ambos são marcas características das trocas e das interações que ocorrem anualmente nos dias de Cosme e Damião nos subúrbios do Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Duarte, Luiz Fernando Dias. 2006. The home sanctuary: personhood, family and religiosity. *Religião & Sociedade*, vol. 2: 11-40.
- Freitas, Morena Barroso Martins. 2015. *De doces e crianças: a festa de Cosme e Damião no Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Gell, Alfred. 1998. *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon.
- Kopytoff, Igor. 1986. The cultural biography of things: commoditization as process. In *The social life of things*, ed. Arjun Appadural, 64-91. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Menezes, Renata de Castro. 2016. Doces santos: sobre os saquinhos de Cosme e Damião. In *Olhares sobre o patrimônio religioso*, org. Edlaine de Campos Gomes e Paola Lins de Oliveira, vol. 1, 57-87. Rio de Janeiro: Mar de Ideias.

THIAGO DA COSTA OLIVEIRA

Formado em História, com mestrado e doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ), Thiago da Costa Oliveira é antropólogo, fotógrafo e documentarista. Publicou, em 2015, o fotolivro *Metoro Kukràd-jà: a estética ritual Mebengôkrê-Kayapó*, em parceria com o antropólogo André Demarchi. Em sua produção audiovisual destaca-se o filme *Nossa Pintura*, exibido em festivais nacionais e internacionais (prêmio de melhor curta do Festival Internacional de Curtas do Rio de Janeiro – Curta Cinema, em 2014, Júri Jovem). Pós-doutorando no Programa de Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ) e gestor de projetos de documentação cultural no Museu do Índio – Funai (PROGDOC – Unesco).

recebido
12.06.2017
aprovado
25.10.2017

